



THE TRUE COST. Direção: Andrew Morgan.

Produção: Michael Ross

Los Angeles: Life is My Movie,

2015. 92 min.

FABER PAGANOTO ARAUJO

Licenciado, Mestre e Doutor em Geografia (UFRJ)

Professor do Colégio Pedro II (Campus São Cristóvão III)

faberpaganoto@gmail.com.br

O documentário *The True Cost* conta a história das roupas: uma história das roupas que vestimos, das pessoas que as fabricam e do impacto que elas produzem no mundo. Seu objetivo principal é mostrar os reflexos diretos e indiretos do consumismo na vida das pessoas invisibilizadas na ponta de baixo da cadeia produtiva da indústria da moda. Traz inúmeros questionamentos éticos, morais, sociais e ambientais dos bastidores do setor, negligenciados pela sociedade. Ao fazê-lo, e talvez este seja seu maior trunfo, expõe de forma ágil, sensível e muito didática uma das mais importantes dimensões do pensamento geográfico: a multiescalaridade dos fenômenos, sobretudo em tempos de globalização.

Ao longo do longa-metragem, vão se descortinando as diversas camadas escondidas a montante e a jusante das passarelas e das vitrines com as novidades da última coleção. Onde são fabricadas as roupas que você usa? Quem produz as roupas que você veste? Sob que condições elas são produzidas? De onde vem o algodão necessário para fabricar o tecido? Como ele é cultivado? Pra onde vai a roupa que você

descarta toda vez que precisa abrir espaço no armário para abrigar as novas peças adquiridas numa liquidação? Como é possível pagar cada vez menos pela roupa que vestimos?

Em 24 de abril de 2013, um edifício de oito pavimentos desabou no centro de Daca, capital de Bangladesh, matando 1129 pessoas. Nele funcionavam confecções que forneciam peças para grandes redes de varejo mundialmente conhecidas. Este é o ponto de partida para o filme questionar o preço virtual das roupas. O custo que não é computado no valor afixado na etiqueta. O preço que não é pago pela indústria que movimenta cerca de três trilhões de dólares ao ano.

Segundo informa, 97% das roupas consumidas nos Estados Unidos são produzidas de forma terceirizada em confecções localizadas em países periféricos e semiperiféricos, sobretudo do sudeste da Ásia. A estratégia, típica do pós-fordismo, ajuda a explicar porque as roupas são um dos poucos bens de consumo a apresentarem deflação nas últimas duas décadas: exportar a produção material para espaços que garantam

a redução dos custos produtivos, sustentando (de modo paradoxalmente insustentável) a comercialização de roupas a preços tão baixos que as tornem praticamente descartáveis a fim de garantir o fluxo das 52 coleções anuais anunciadas pelas grandes redes: uma coleção por semana. A “fast fashion” é o novo *modus operandi* da indústria da moda.

Os salários pagos aos trabalhadores das confecções em Dacca se aproximam de uma média de U\$3/dia. E a tendência é pagar menos, já que as empresas ameaçam seus fornecedores com a possibilidade de buscar novos parceiros em outros territórios. Um exemplo claro de uma das faces mais nefastas da globalização: as empresas hegemônicas ou permanecem para exercer plenamente seus objetivos individualistas ou retiram-se. Para a maior parte da humanidade – e Dacca é apenas ilustração deste padrão – a globalização se impõe como uma fábrica de perversidades. (SANTOS, 2002)

O filme apresenta a dificuldade de mobilização dos trabalhadores, que tentam sem sucesso articular a formação de sindicatos, associações e manifestações duramente reprimidas pela polícia. As lideranças mais engajadas são perseguidas e demitidas pelos donos das confecções, que precisam jogar o jogo das grandes corporações para as quais fornecem as roupas. A terceirização isenta estas corporações de qualquer responsabilidade legal pelas precárias condições de trabalho às quais aquelas populações são submetidas.

Há boa parte do filme dedicada a investigar os impactos dessa estrutura produtiva fragmentada globalmente em ambas as pontas da cadeia: nas áreas rurais onde o algodão é cultivado e nos países que recebem volumes cada vez maiores de roupas de segunda mão. Também aqui o documentário ilustra de forma muito rica diversos temas caros ao ensino de geografia nos cursos de nível médio: o uso

intensivo de agrotóxicos contaminando solos e cursos d’água; o manuseio de defensivos químicos afetando a saúde dos agricultores que lidam com quantidades cada vez maiores de veneno sem proteção; a adoção de sementes geneticamente modificadas que reduzem a biodiversidade e tornam os produtores reféns das empresas multinacionais de biotecnologia; os preços em queda tornando as roupas descartáveis e estimulando a exportação de peças de segunda mão para países periféricos e desestruturando, como consequência, a frágil indústria têxtil presente nestes locais.

Seguindo o padrão dos noticiários, que encerram suas edições diárias com amenidades ou mensagens de esperança, em sua parte final são mostradas algumas iniciativas de economia solidária e plantio orgânico de algodão que abrem espaço para um debate sobre as potencialidades e os limites da busca por soluções sistêmicas eficazes dentro do próprio capitalismo.

Para uso como ferramenta didática, é uma excelente forma de abrir um conjunto de aulas sobre globalização. Provoca perguntas, inquietude, surpresa. Dá sentido ao que será apresentado pelo professor. Esclarece de forma muito eficiente que os fenômenos não se dão de forma isolada: ao contrário, as relações humanas e ambientais são complexas e sistêmicas. É, também, uma excelente forma de fechar o mesmo conjunto de aulas, articulando ideias, organizando pensamentos, sugerindo novas reflexões.

Ficha técnica

Direção: Andrew Morgan

Roteiro: Andrew Morgan

Elenco Principal: Livia Giuggioli, Stella McCartney, Vandana Shiva, Richard D. Wolff

Produção: Michael Ross

Música: Duncan Blickenstaff

Distribuição: Life is My Movie

Lançamento (Estados Unidos): 29/05/2015

REFERÊNCIA

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2002.